

Apartamento em CRISE

BRUNO LEÃO



*Para quem está
a tentar arrendar um
quarto por menos de
500€ em Lisboa.*



Primeiro Andar

O sol bate-me na cara e tinge o ar de um tom majestoso de dourado. Deixo as pernas agitarem a água, refrescando-me com os salpicos que me atingem o tronco. Os óculos de sol caem-me e baixo-me rapidamente para os apanhar. Levo um encontro que me desequilibra e sou projetado para a frente, mas não caio na água fresca da piscina. Em vez disso, é o chão frio, e provavelmente cheio de bactérias, que me cumprimenta, quebrando a minha imaginação.

Certo, ainda estou no aeroporto. Levanto-me e a rapariga que acabou de me fazer uma placagem estende-me a mão, por cortesia. Gostava de dizer que é a primeira vez que caio no chão de um aeroporto, mas não seria verdade.

— Desculpa, desculpa! Estás bem? — pergunta, com os cabelos ruivos a cobrirem-lhe parte do rosto.

— Estou ótimo, não te preocupes! — Ofereço-lhe um sorriso simpático e apresso-me a ir buscar a minha mala assim que aparece no tapete rolante.

Com o barulho das rodinhas a perseguir-me num frenesim, saio do aeroporto. Mal posso esperar para ver o triplex com os meus próprios olhos. Desde o meu aniversário que não passo um dia sem abrir o álbum de fotos que criei dedicado ao espaço.



Foram inúmeras as horas investidas a apreciar os quartos, a piscina, os acabamentos elegantes e os detalhes sublimes, mas, acima de tudo, a sonhar com a liberdade que acabei de conquistar e com a minha nova vida em Lisboa. Estou finalmente a caminhar para ser independente.

O motorista já está à minha espera, à saída da área de chegadas. É um senhor de idade. Veste um fato clássico sem um único vinco, o nó na gravata azul está perfeito, o cabelo grisalho bem penteado e sorri de forma acolhedora. Nas mãos, uma placa com o meu nome, «Tiago Gama». Assim que me aproximo, inclina-se numa reverência.

— Não, não. Não há necessidade disso, por favor — digo, poucando a minha mão no seu braço para que se volte a erguer.

— Bem-vindo a Lisboa, Tiago! A vénia faz parte do serviço — responde com um sotaque carregado. Ainda dizem os lisboetas que não têm sotaque. — Eu sou o Joaquim. Vou levá-lo até ao seu novo apartamento, o seu pai já me deu a morada. Como foi a viagem?

— Foi tranquila, não havia muitos pássaros a impedir a passagem no céu. E a sua até aqui? Apanhou muito trânsito? — riposto em tom sério, numa tentativa de o fazer rir um pouco enquanto nos encaminhamos para o parque de estacionamento.

Ele fita-me de olhos esbugalhados, num misto de julgamento e confusão.

— Não apanhei trânsito, não — declara, ainda a processar.

Breves minutos de silêncio tomam conta da nossa conversa, até chegarmos ao veículo preto. Apesar da sua idade, ele pega nas minhas malas com facilidade e coloca-as no porta-bagagens.

— Por favor, entre — diz, abrindo a porta traseira com um gesto suave, mas firme.

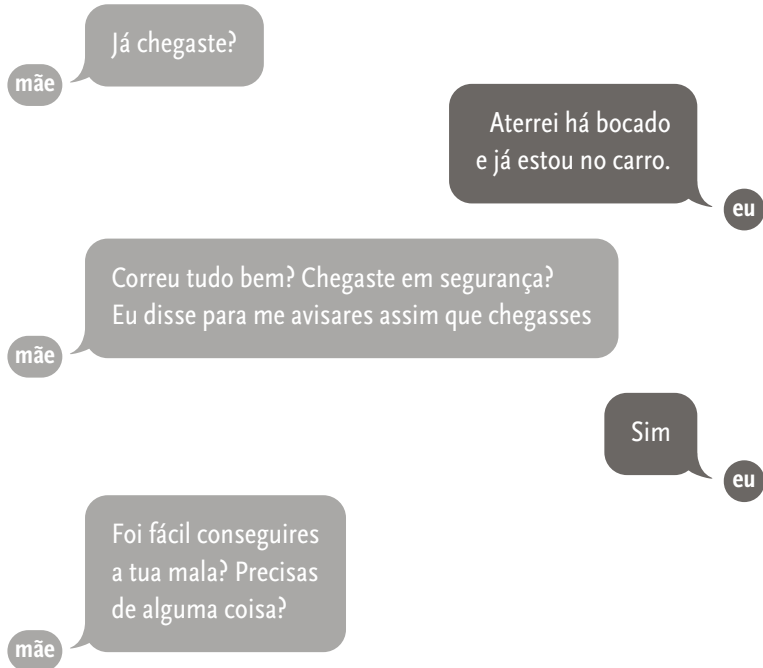
Não consegui quebrar a barreira da extrema formalidade. Afinal os meus anos de interação com pessoas sérias não me



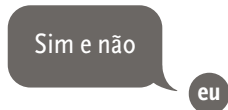
serviram de muito. Entro no carro, acomodando-me no assento de couro macio, e tiro o telemóvel do bolso para verificar o estado da minha encomenda. Vai ser entregue hoje.

Sorrio para o telemóvel. Está tudo a compor-se.

Uma notificação aparece no topo do ecrã.



Reviro os olhos. Porque é que ela tem de ser sempre tão intrometida?



Fecho a conversa antes que ela me faça mais perguntas avassaladoras a que eu não quero responder e ponho os fones. Olho pela janela, ouvindo a minha playlist de tecno eslavo, que é



sempre uma boa escolha quando me quero empolgar. *Eu sei, é estranho. Não perguntem.*

Pouso o cotovelo no rebordo da janela e apoio a cabeça no meu punho fechado. O carro desliza agora por ruas estreitas, revelando combinações de fachadas antigas com grafitis modernos, calçadas de pedra e pessoas a subir ruas íngremes. *Ai, Lisboa.*

O elétrico amarelo passa por nós e reflete o brilho do sol, que dá uma última oportunidade à cidade de se despedir do calor do verão. Abro uma nesga da janela e sou contagiado pela brisa suave do Tejo, que transporta um aroma intenso característico. Não há nada exatamente igual a isto na Madeira. É capaz de ser da poluição, mas nem por isso perde o charme. Inspiro fundo para poder senti-lo na sua totalidade. Lembro-me perfeitamente da primeira vez que andei de barco no Tejo com os meus pais, da primeira vez que visitei a cidade e que me apaixonei por cada canto dela. Em especial pela ponte escarlata a perder de vista, que me deslumbrou quando era apenas um pequeno Tiago. Jurei nessa altura que um dia voltaria e atirar-me-ia para dentro daquelas águas cintilantes; claro que agora isso teria todo um outro significado. Se acabar a atirar-me ao Tejo, será com outras motivações e por ter o cérebro frito pela universidade.

— É aqui — afirma o motorista, parando em frente a um prédio alto com uma fachada que ainda reluz de nova.

Saio do carro e inclino a cabeça para cima, para admirar o edifício. Por esta altura, já devia saber que seria enorme, mas é ainda mais imponente ao vivo, com varandas de ferro forjado, grandes janelas de vidro e uma mistura de betão, plantas verdes e tinta branca que me pinta a visão. A minha nova casa.

— Permita-me levar-lhe as malas até à porta do apartamento — oferece-se o Joaquim, já retirando as malas para fora do carro e segurando-as pelas pegas.



— O prédio não tem elevador? — pergunto, erguendo a sobranceira.

— Tem, menino.

— Então não se preocupe — digo, aproximando-me e estendendo as mãos para ele me passar as malas.

— Tem a certeza? Não me custa nada, faz parte do serviço. — Fica relutante em fazer-me a vontade.

— Claro que tenho! É só pôr as malas no elevador, chego lá acima num instante.

Não quero esperar nem mais um segundo para entrar no apartamento.

— Como queira, menino — declara, finalmente convencido, passando-me as malas para as mãos.

O seu peso desequilibra o do meu corpo, fazendo-me inclinar e quase cair para o lado, espatifando-me na calçada portuguesa. Quem construiu isto não pensou bem em pessoas desastradas como eu.

— Menino Tiago! — exalta-se o Joaquim, quase testemunhando o desastre que ia acontecendo.

— Está tudo bem, Joaquim. Está tudo bem. — Dou um passo largo de cada vez até à porta do prédio, suportando as malas a custo, para lhe provar que está tudo sob controlo.

Pouso-as com um suspiro e tiro a chave do bolso, ouvindo o seu tilintar contra o porta-chaves com o código do prédio. Encaro o teclado da porta, digito o código e empurro-a.

— Obrigado — agradeço, enquanto o observo a entrar no carro para seguir viagem.

Abre a janela do pendura e esboça-me um sorriso, acenando com a cabeça em sinal de despedida. O carro afasta-se rapidamente e eu viro-me para o hall de entrada. O cheiro a tinta fresca ainda não desapareceu por completo.

Entro com cautela, ainda numa tentativa de evitar potenciais incidentes. As malas batem-me no calcanhar uma e outra vez e



os raios de sol que entram por uma janela acima da porta cegam-me a visão por uns segundos. Pestanejo várias vezes até estar habituado à luz que agora intensifica as escassas cores da divisão maioritariamente branca.

O hall de entrada do prédio é simples, ao estilo escandinavo, com o clássico espelho comprido para as pessoas se admirarem quando entram e um banco almofadado de veludo cor de mostarda. Uma monstera gigante dá vida ao espaço, ladeando as várias caixas de correio com os números de cada porta.

Pouso as tralhas e passo a mão pela minha: 6A, gravado a laser. Agora é subir. Sinto a excitação a crescer-me no peito.

Volto a pegar em tudo e vou em direção ao elevador. Com as mãos carregadas, agacho-me para carregar no botão com a ponta do nariz.

Viro o meu olhar novamente para o elevador, mas nada acontece, nenhuma luz se acendeu.

Deixo a cabeça descair para a frente num suspiro e reparo numa folha de papel caída no chão de mármore, com as pontas adornadas com fita-cola. Liberto uma das mãos e viro-a para mim.

«Lamentamos o inconveniente, o elevador encontra-se em manutenção.»

Oh, não. E agora?

Olho à minha volta e dou de caras com a porta para as escadas. Não, não, não. Vou ter de levar isto sozinho? Pelas escadas? Até ao último andar? Nunca pensei dizer isto, mas vou mesmo ter saudades da Olga. Para que fique claro, a Olga é a minha empregada. Ou melhor, era. *Não, Tiago, agora és independente, tu consegues fazer isto, não podes falhar.* Deixo que a vontade de chegar ao meu novo apartamento me motive, abro a porta que dá para as escadas e começo a subir.

Cada degrau faz-me questionar a minha existência. Forço-me a arrastar as malas pela sua pega extensível e, passo a passo, vou



subindo prédio acima até que sinto as minhas costas a estalar e uma dor aguda toma conta de mim.

— Ai, ai, ai — grito involuntariamente, passando a palma da mão no sítio onde me dói, como se servisse de alguma coisa.

Abandono uma das malas para ser capaz de continuar. A porta para o meu apartamento surge à minha frente e as lágrimas quase se apoderam dos meus olhos. Que sensação estranha. Passei tanto tempo a desejar chegar aqui, que quase parecia que este dia nunca se iria materializar. Destranco a porta e dou o primeiro passo para dentro da casa.

O tríplice é ainda mais impressionante do que nas fotos que os meus pais me mostraram. Os espaços são amplos, tanto a sala de estar como a cozinha e a varanda têm metros quadrados a perder de vista. Vou avançando pelas divisões, encantado. A cozinha está já equipada com todos os eletrodomésticos, o que contrasta com a falta de mobília no resto dos espaços, mas a parte mais técnica desta divisão foi a única coisa que deixei os meus pais escolherem. Na verdade, só o fiz porque sabia que iriam acabar por comprar tudo igual ao que temos em casa. Isso e porque não aguentava mais ouvi-los a reclamar. E sempre amei a nossa cozinha, sempre quis poder usar tudo à vontade para fazer bolos, bolachas e todos os doces que amo, mas eles implicavam com a ideia de não ser a empregada a cozinhar, por isso agora é a minha oportunidade de reconfortar o Tiago adolescente.

Passo pelo escritório e pelos quartos de visitas e subo as escadas de madeira clara e polida até ao segundo andar, onde encontro o meu quarto logo à esquerda. Estudo-o com o olhar para me certificar de que tem o tamanho certo para acolher toda a mobília que mandei vir. Abro as portas que dão para o closet e deixo-me fascinar pela sua profundidade e pela quantidade de roupa que aqui vou conseguir guardar. A minha casa na Madeira era igualmente grande, até maior do que esta, mas a sensação de isto ser



só meu... Isso é novo! E posso jurar que este closet é ainda maior do que o que eu tinha.

Decido subir mais um andar. A minha parte favorita da casa dá-se a conhecer perante os meus olhos. A claridade obriga-me a pestanejar várias vezes, mas nem isso me impede de ficar deslumbrado.

A minha boca abre-se automaticamente quando vejo a piscina. É enorme, e a água cristalina deixa-se ser levada pela ligeira brisa que se faz sentir no ar. A vista confere-lhe uma magnitude diferente e não consigo acreditar. Tenho mesmo uma FUCKING PISCINA! Só minha! Não a tenho de dividir com ninguém, nem seguir regras enfadonhas da minha mãe!

Encosto-me ao parapeito do terraço e observo os prédios, as casinhas, o rio e a outra margem, mesmo à minha frente. Isto é exatamente o que eu queria: uma nova cidade pronta a ser explorada. Começo a fazer uma lista mental de coisas que irei fazer:

- conhecer o pessoal da universidade;
- acordar às horas que quiser,
sem a minha mãe andar atrás de mim;
- trazer rapazes cá para casa;
- beber álcool à hora de almoço.

Isto vai ser incrível. Não que eu não adore o Funchal ou a minha família, só tenho isto tudo graças aos meus pais, mas eles conseguem ser bastante... too much, e já estava na altura de ter o meu próprio espaço no mundo.

Percorro os vários quartos e corredores vezes sem conta, como uma criança feliz no Natal. Só paro quando o meu telemóvel vibra no bolso de trás. Recebi um áudio da minha mãe.



TIAGO, ESPERO QUE TENHAS CHEGADO BEM AO APARTAMENTO. LEMBRA-TE DE NOS LIGAR ASSIM QUE TIVERES TUDO ARRUMADO. ESTAMOS MUITO ORGULHOSOS DE TI. APROVEITA ESSA NOVA FASE, MAS NÃO TE ESQUEÇAS DAS NOSSAS CONDIÇÕES, A CASA CONTINUA A SER NOSSA. ESTUDA, QUE FOI PARA ISSO QUE FOSTE PARA AÍ! E AVISA-ME SEMPRE DO QUE FOR ACONTECENDO. BEIJINHOS.



Reviro os olhos com a quase ameaça, mas sou interrompido pela campainha, que ecoa pelos corredores antes de eu conseguir protestar para mim mesmo.

— A ir! — grito, descendo as escadas a correr para ir abrir a porta.

Espero tanto que seja alguma encomenda que já chegou. Tenho a casa praticamente vazia, à exceção dos eletrodomésticos e dos colchões. Destranco a porta.

— Olá, és o novo inquilino? — pergunta uma mulher, com um tom apressado e analisando-me de alto a baixo.

Os seus cabelos castanhos e volumosos estendem-se até um pouco abaixo dos ombros, e a sua pele morena é marcada por diversos sinais castanhos. Não é muito alta, apesar de a postura dela lhe transmitir uma certa autoridade, e é o seu peito volumoso que me deixa impressionado. Reparo na minha outra mala na sua posse. Com todo o entusiasmo para ver a casa, esqueci-me de que a tinha deixado no meio das escadas.

— Olá, sim. Sou o Tiago — respondo-lhe, confuso.

— Pois, vi logo... és jovem e homem... — Pausa a sua pseudo-agressividade e altera a forma como me encara de «estou desconfiada» para «quero comer-te de uma só dentada». — Peço-te, por favor, que sejas civilizado e não deixes as tuas coisas espalhadas pelo caminho. Pode ser, Tobias?



— Tiago — sussurro. — Desculpe, vim só trazer a outra mala para cima e acabei por me esquecer dessa.

— Que seja a última vez que eu tenho de resolver a porcaria que fazes. E os meus olhos estão aqui em cima, para tua informação.

Eu sou gay.

— Obrigado por me trazer a mala? — digo, mais em jeito de pergunta do que de agradecimento, enquanto ela se baixa para me agarrar na mala e a atirar na minha direção.

Demoro a deixar de estar paralisado, mas sinto que tenho de lhe dar uma resposta melhor, mesmo que seja provável que já não a vá ouvir.

— E para que fique claro, EU SOU GAY! — Apesar de com algum delay, grito a parte final na esperança de que ela me ouça do piso de baixo.

Bato com a porta, arrastando a mala para dentro, e fico a rever mentalmente toda a situação que acaba de acontecer. Não posso crer na lata desta mulher! Eu sei da má fama dos lisboetas, mas não pensava que iria chegar a este nível.

Reviro os olhos, permitindo-me sorrir novamente.

As malas pesam-me nos braços enquanto as levo para cima. Desfazê-las é ainda mais trabalhoso. Dirijo-me ao closet, e a roupa que lá arrumo é iluminada pelo led que se acende automaticamente sempre que movimento é detetado. Deixo uma pilha de livros num dos cantos do quarto, a sua casa temporária até as estantes chegarem.

A cada objeto que tiro da mala, uma nova memória da minha vida na Madeira apodera-se da minha mente. As fotos com vários dos meus amigos da escola deixam-me com uma certa nostalgia de tudo o que vivemos juntos. Já o álbum de fotos que a minha mãe me obrigou a fazer dá-me mais vontade de chorar de ridículo do que de outra coisa qualquer. Ainda assim, no



meio de tudo isto, é o meu ukelele que me desperta sentimentos mais profundos.

Levei-o em todas as viagens que fiz e todas as aventuras que vivi. Nunca contei a ninguém, mas ele sempre representou uma forma de me manter destemido quando ia à descoberta de coisas novas, sempre que nos mudávamos, sempre que ia para uma escola nova e sempre que fazia algo fora das regras. *Sim, levei o meu ukelele comigo da primeira vez que fingi fugir de casa, aos 13 anos.* Era só eu e o meu ukelele, e nós íamos viver toda uma vida juntos. Neste momento, trago-o comigo mais como uma lembrança, sendo que o verniz que cobre a madeira castanha já acusa a passagem do tempo, mas quero encontrar o sítio certo para ele.

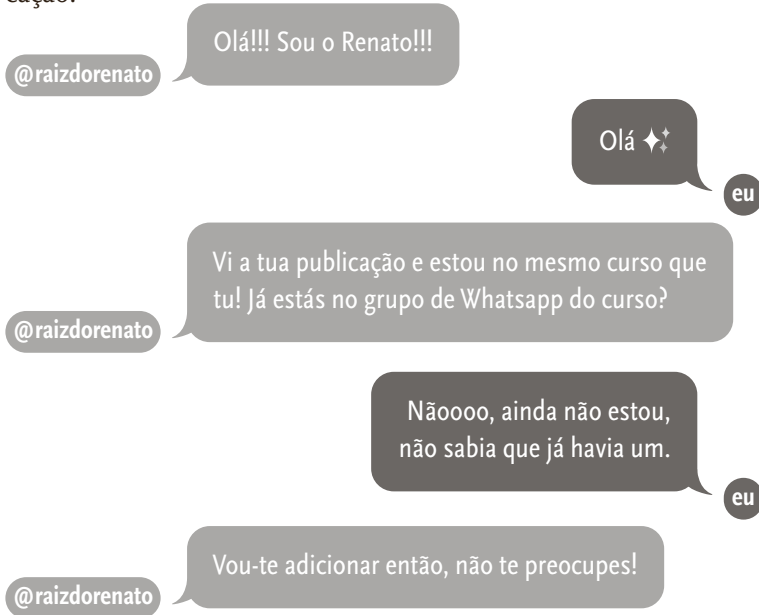
Acho que o vou meter numa das molduras que mandei vir. Mal posso esperar para que as minhas encomendas cheguem e para que a casa deixe de ser uma tela em branco e comece a ganhar forma. Foram três meses de privação de mesada para comprar todos os essenciais, tudo para não ter de escolher nada com os meus pais, e sem dúvida que a melhor sensação é a de ter feito tudo sozinho.

Saio do closet e sento-me de costas para a porta, suspirando ao embater contra a madeira branca e fria. Não sei o que fazer a seguir, não sei se me deite no colchão e faça uma sesta ou se vá ver a cidade feito turista. *Será que existe jet lag sem mudança de fuso horário?*

Decido tentar procurar pessoas da minha universidade e abro o Twitter (sim, recuso-me a chamar-lhe X). Pesquiso pelo ISEG e procuro publicações de pessoas a festejar terem entrado no mesmo curso que eu ou que já estejam simplesmente a reclamar da universidade. Eu próprio acabo por publicar um print do meu e-mail de colocação com uma descrição a perguntar quem entrou no mesmo curso que eu.

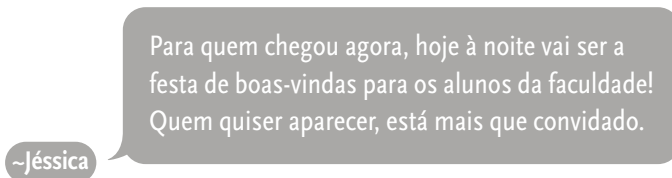


Fecho a App, mas, em poucos segundos, recebo uma notificação.



As notificações do grupo de Whatsapp não demoram a começar a cair em catadupa, e mais pessoas estão a ser adicionadas, tal como eu fui.

TURMA 2024/25 ISEG



É a oportunidade perfeita para conhecer pessoas novas e começar a construir as minhas amizades cá, sobretudo as de faculdade, já que vou precisar de resumos e apontamentos. Com a certeza de que esta festa vai marcar o início da minha vida em Lisboa da melhor maneira possível, decido responder.



Podem contar comigo 🧑

eu

Óbvio que ninguém me vai responder de volta, mas ao menos dou-me a conhecer às pessoas. Passei de um desconhecido para aquele que mandou mensagem a dizer que ia. Já comecei a subir na escala de popularidade lisboeta. Vai ser incrível.



Piso Menos Um

(uns meses antes)

— **P**arabéns a você, nesta data querida... — As vozes da minha família ecoam pela sala de jantar, e um sorriso involuntário forma-se no meu rosto.

As feições da minha irmã e dos meus pais são iluminadas pelas luzes das velas enquanto terminam de cantar.

— Muitos parabéns, Tiago! Já são 18 anos! — celebra a minha mãe, à medida que apago as velas do bolo.

Rio-me e apercebo-me do que isto significa. Sou finalmente maior de idade. Já posso beber legalmente, sem fingir que me esqueci do cartão de cidadão ou ter de endireitar as costas e fazer uma voz mais grave. Muito mais prático. Já tenho autorização legal para tomar as minhas próprias decisões. Meu deus, vou ter de ir votar nas próximas eleições e estou prestes a ir para a universidade!

Porém, primeiro tenho de fingir que estou a aproveitar este momento com a minha família, e não a pensar nas coisas que quero fazer a seguir.

A minha mãe chama a empregada para cortar o bolo e ajudá-la a distribuir uma fatia por cada um de nós. É o mesmo todos os anos, bolo de chocolate com nozes.

Dou uma garfada e deixo o chocolate derreter-se na minha boca.



— Este bolo nunca falha — afirma a minha irmã num tom de satisfação.

— Na verdade, este ano pedi à Olga que fizesse a versão daquele vídeo que me enviaste — diz-me a minha mãe para mim.

— A sério? Ficou ótimo!

O barulho dos talheres preenche a falta de tema de conversa à mesa, até que o meu pai se levanta, de lábios cerrados e com o seu olhar sugador de almas, lembrando todos da sua presença imponente, e aclara a garganta.

Olho para ele, a meio de uma garfada, confuso com o que está prestes a acontecer. A minha mãe encara-me fixamente, na expectativa de apanhar cada microrreação minha. Só há um possível motivo para o ambiente que acaba de se formar: o meu pai vai anunciar alguma coisa.

— Então, Tiago, este é um momento importante na tua vida. Tomaste uma grande decisão ao escolher ir para Lisboa estudar, e eu e a tua mãe estamos muito orgulhosos de ti. Por isso, queríamos ajudar-te de alguma maneira na tua aventura — introduz ele.

Pouso o garfo e endireito-me.

— Aqui tens — diz, sem nunca trair a seriedade do seu rosto, estendendo-me uma caixa de veludo vermelho que mais parece conter um anel de casamento.

Eu não me quero casar com o meu pai.

— O que é isso? — pergunto, à espera de saber qual é a condição para receber o que me está a ser oferecido. Com os meus pais, há sempre uma condição.

— Abre — pede o meu pai, quase a parecer um pouco entusiasmado, o que é raro da parte dele.

O foco de toda a gente está em mim e nas minhas mãos enquanto abro a caixa, dado que eu sou o único que não sabe o que esta contém. Puxo a tampa, e uma chave dourada sorri para mim.



— É a chave da tua nova casa em Lisboa. — Deixa claro.

Olho para ele, pasmado.

Os meus pais desenvolveram o seu negócio desde muito novos, começando como estagiários e subindo até conseguirem chegar onde estão. Atualmente, têm uma empresa de construção civil e uma imobiliária, e são das pessoas mais ricas de Portugal. Toda a gente conhece a família Gama, e isto até pode parecer vantajoso, mas é só mais uma forma de ser vigiado. Ultimamente, não se calam com o novo prédio que estão a construir em Lisboa, e se esta chave for para um apartamento lá, eu posso morrer feliz. Esperem. EU TENHO UM APARTAMENTO EM LISBOA? Não pode.

— Isto é a sério? — pergunto, ainda de boca aberta.

— Sim — confirma a minha mãe, com um ligeiro sorriso nos lábios.

Levanto-me num salto e dou um passo na direção deles, para poder abraçá-los e agradecer-lhes mil vezes pelo voto de confiança, mas o meu pai mostra rapidamente a palma da sua mão e impede-me de avançar.

— Antes de entrares em euforia, como de costume, e de nos agradeceres quinhentas vezes, há ainda condições que tens de aceitar. — Permanece sisudo. Claro que há condições. Nem esperaria outra coisa. — Tens de levar os teus estudos a sério e queremos que amadureças no processo, para que um dia possas ficar à frente da empresa — declara, com uma voz áspera e um olhar severo.

Encaro a minha mãe para que me possa confirmar as palavras do meu pai. Ela assente, fazendo-me perceber que foi algo acordado pelos dois. Claro que nunca me dariam uma casa sem terem segundas intenções por detrás.

Respiro mentalmente.

— Mas pai, eu ainda não sei ao certo o que quero fazer... — atiro na esperança de que ele sinta alguma empatia.



— Mais um motivo para aceites esta ótima oferta. Não tens nada a perder e não custa nada. Estamos a preparar-te para uma vida de sucesso!

— Mas pai...

— Tu queres a casa ou não? — Questiona, interrompendo-me.

Um apartamento em Lisboa é a oportunidade perfeita para ter a independência com que sempre sonhei e para me ver livre de todos os compromissos de família a que nunca quis ir. E, na verdade, eles sempre me tentaram impingir esta ideia, não é a primeira vez que o meu pai fala de eu assumir a empresa um dia, até pode ser um bom acordo. É o início de uma nova jornada.

— Temos acordo. — Estendo-lhe a mão, à espera de que ele a aperte para selar o nosso compromisso, como me ensinou desde pequeno.

Apertamos as mãos e, no mesmo momento, a minha irmã levanta-se e abraça-me com mais força do que esperava. O seu olhar é ternurento.

— Vais fazer um ótimo trabalho, mano. E vais adorar viver em Lisboa, tenho a certeza — afirma, entusiasmada. — E aqui entre nós, até que vou ter saudades tuas, mas não prometo não te roubar o quarto enquanto estiveres fora — ameaça, tentando fugir dos meus braços.

— Inês! — Esmago-a e esfrego-lhe a cabeça com força para ela pensar duas vezes.

Os meus pais mantêm as expressões sérias. Já aceitei que o meu aniversário não pode simplesmente correr de forma natural, como o de todas as outras pessoas.

— Lisboa aguarda-me! — grito, para que estas palavras cheguem a todos os cantos da casa, tornando-as reais, nem que seja apenas para mim mesmo.



Combinei com um dos meus grupos de amigos encontrarmos-nos no meu restaurante favorito. É a melhor maneira de terminar o dia. Estou desejoso por beber umas margaritas em boa companhia.

O Mercado dos Lavradores está cheio de turistas ansiosos por comprarem e de vendedores ansiosos por venderem. Passar por aqui faz-me sempre sorrir. Dava tudo para poder desaparecer por entre as pessoas e as cores, para conhecer toda a variedade de frutos e histórias dos visitantes. Vou sentir saudades disto, desta atmosfera pitoresca. Lisboa tem uma agitação diferente, mas desde que lá vou com os meus pais que me apaixono por tudo uma e outra vez; tenho a certeza de que me vou dar bem, de que me vou sentir em casa.

Desvio o meu olhar da entrada do mercado e viro à direita para a rua dos restaurantes.

A decoração é sempre um agradável convite visual: as mesas de madeira escura que contrastam com os apontamentos em mármore; as heras espalhadas pelo teto, desenlaçadas aqui e ali, criando um jardim flutuante misturado com a luz amarela que atravessa os abajures de tela creme; o balcão acompanhado de diversos bancos altos, para quem prefere ter uma experiência mais rápida ou só deseja tomar um café; e até mesmo os diversos quadros de giz expostos na parede em frente ao balcão a anunciar os diferentes menus.

— Boa tarde, Tiago, tem reserva? — pergunta-me a mesma senhora de sempre. Ainda não percebi como é que não recebo comissão por cada pessoa a quem apresento este restaurante. No mínimo, já devia ser considerado um cliente da casa, com todo o dinheiro que já lhes dei a ganhar.

— Tenho, sim, mas acho que entretanto já devem ter chegado pessoas para a minha mesa, não? — Estico o pescoço para sondar a sala de jantar à procura dos meus amigos. — Ah, ali estão eles! Com licença.



O André, a Isabela, a Beatriz, o Eduardo e o Heitor conversam freneticamente sobre algo, sendo que a Isabela e o André parecem claramente os que estão a pôr mais lenha na fogueira, de braços no ar e olhares sedentos por ver os seus inimigos a arder.

— PARABÉNS! — gritam todos na minha direção.

Cada um a seu tempo, levantam-se para me abraçar e me desejar mais uma vez um feliz aniversário. Podia habituar-me a toda esta atenção.

Estão todos aperaltados para a ocasião: o André com um polo branco, a Isabela num vestido verde-escuro, a Beatriz de calças de cintura subida e um top brilhante que reflete as luzes do local, o Eduardo de camisa branca e gravata estampada com padrões geométricos e, por último, o Heitor, com um dos seus clássicos coletes por cima de uma t-shirt. Ninguém me avisou que devia vir «sofisticado».

— Obrigado, obrigado — agradeço, para concluir o assunto. — Já estão aqui há muito tempo? — pergunto, ao sentar-me na cadeira vaga.

— Há algum, mas sabemos que és sempre o último a chegar, por isso, fomo-nos sentando. Espero que não leves a mal — explica a Isabela.

— Claro que não, mas já pediram alguma coisa para beber?

— Pensámos numa sangria para dividir... — sugere o André, como quem não quer a coisa.

— Uuuuuh, tentador. Mas, estava mesmo era a apetecer-me uma margarita.

— Sempre a querer destoar — brinca a Isabela, abanando a cabeça. — Mas olha, não vou mentir, uma margarita também me caía bem.

— Porque não os dois? — propõe o Heitor, encolhendo os ombros e esticando os lábios carnudos num sorriso que atira na minha direção.





Deixo-me hipnotizar antes de regressar ao presente.

— Agora sim, já estamos a falar a mesma língua! Temos de celebrar, é o teu dia! — exclama o André, erguendo uma sobrancelha em aprovação. — Mas já sabes, Tiago, as margaritas são por tua conta, és o aniversariante, milionário!

— O quê? Não posso escapar dessa? — Finjo indignação, e deixo passar o comentário agridoce. Aceno à empregada e ela aproxima-se com o seu bloco de notas na mão, pronta para tomar nota do pedido.

— Faz parte, faz parte! — responde o André, rindo. — Hoje a tua carteira sofre.

— Não é só a tua carteira que vai sofrer — sussurra-me o Heitor ao ouvido, colocando a mão na minha perna, por baixo da mesa. A sua voz causa-me arrepios.

Mordo o lábio, pronto a responder-lhe, mas a empregada chega.

— Olá! — digo animado. — Vamos querer um jarro de dois litros de sangria de espumante com frutos vermelhos e seis margaritas, por favor.

Ela anota tudo rapidamente, dando-nos um sorriso aberto.

— Um jarro de sangria e seis margaritas. Mais alguma coisa?

Olho para o grupo, à espera de alguma adição de última hora. O André levanta a mão, de forma exagerada. É óbvio que se ia lembrar de algo.

— Ah, e também uns nachos para acompanhar, por favor. — O André pisca-lhe o olho e ela cora, revelando ser apenas mais uma que fica caidinha pelo seu charme.

— Claro. Sangria, margaritas e nachos. Já vos trago tudo.

Depois de a empregada se afastar, viro a minha atenção para o grupo.

— Pronto, agora é só esperar. — Meto o cardápio de lado. — Quem é que tem fofoca? — Inclino-me sobre a mesa, à espera das bombas, mas ninguém se acusa, desanimando-me. — Nada?



Abanam todos a cabeça em negação.

— Como correu o almoço com os teus pais? — pergunta a Isabela, com um tom que insinua que acha que correu mal.

— Correu bem. Na verdade, tenho uma novidade. Acabaram o almoço a oferecer-me uma casa em Lisboa para quando eu for para a universidade. Vou finalmente ter o meu espaço. — Sorrio, animado com a ideia.

— Isso é incrível! É um bilhete de lotaria para a liberdade que tanto querias — exclama o Eduardo, entusiasmado.

— Sim! Um apartamento em Lisboa? Finalmente vamos ter um lugar para ficar quando te formos visitar — diz a Isabela.

— Ei, nada de abusar! — respondo na brincadeira.

Faço contacto visual com todos e paro no André e no Heitor, que estão à minha esquerda, lado a lado e com cara de caso. Dou um sorriso ao Heitor, antes de o André se endireitar como sempre que quer fazer um anúncio.

— Vê-se mesmo quem é o privilegiado do grupo — brinca. — Por acaso também tenho uma novidade nesse sentido!

— Então, do que estás à espera? Conta! — entusiasma-se a Beatriz, numa tentativa de corresponder à energia do momento.

O André sorri para nós. Vem daí algo bom.

— Vou para Lisboa ainda este verão, para começar um part-time e conseguir dinheiro para pagar um quarto para a universidade.

— Vão deixar-me apenas com as raparigas aqui? Que raio de bros são vocês? — revolta-se o Eduardo, acabando a fingir que chora com a nossa partida.

— Tens o Heitor, não te preocupes — clarifica o André ao Eduardo, tocando-lhe no ombro como se percebesse a sua dor.

— Mas porque não pedes aos teus pais para pagarem o quarto? — pergunto.

— Queria aliviar-lhes as despesas, eles já me pagaram tanta coisa...



A empregada aproxima-se com as nossas bebidas, cortando a conversa. O André lança-lhe outro olhar engatado.

— Então tens de ir dando updates de como é viver em Lisboa. Também deves estar ansioso para te livrares disto tudo, viver um pouco. — Interrompo a sua tentativa de engate, que tem como único propósito fazer ciúmes à Isabela.

— Estou bastante preocupado com tudo, mas sim, isso também — responde.

— Também tens lá o Fred, se for preciso alguma coisa — relembro.

Os seus olhos reviram-se.

— De qualquer forma, não estejas preocupado, basta ires com uma boa energia e vai tudo correr às mil maravilhas. — Levanto o copo, como sinal para fazermos todos um brinde de celebração.

Juntam os seus copos ao meu, todos de sorrisos postos, e brindamos à amizade, às histórias que ainda vamos viver juntos, a nós. Esta pode ser a última vez que vamos estar todos juntos antes de eu ir para Lisboa e, pelos vistos, o André também.



Assim que entro em casa, corro para o meu quarto para poder olhar novamente para a chave da minha futura casa, ainda aconchegada na almofada do interior da caixa vermelha.

Deixo-me cair na cama de olhar fixo no teto alto.

Estou sozinho e o silêncio é reconfortante. Penso nas conversas com os meus amigos, nas promessas de visitas frequentes e no apoio incondicional que me dão.

Sei que Lisboa vai ser a oportunidade perfeita para mim e estou ansioso, sobretudo com tudo o que ainda falta planear. Quero deixar a casa à minha maneira, nem que tenha de ser eu a pagar por tudo. Sei que tenho muita sorte em ter nascido na minha



família e não quero deixar de aproveitar algumas das regalias, mas sou mais do que isso. Ser independente é o meu sonho, quero descobrir o mundo com os meus olhos. Sinto o coração aos saltos e tenho tamanha felicidade dentro de mim que nem me cabe como deve ser no peito.

Abro a gaveta da mesa de cabeceira e tiro o meu Mac. Pesquiso por sites de móveis e começo a vasculhar toda a Internet à procura de mobília e decoração para a casa, com uma das minhas youtubers de pastelaria favoritas de fundo. Cada escolha é uma pequena conquista, como se tudo o que acrescentasse ao carrinho fosse um passo em direção à minha própria identidade. Encomendo algumas coisas com as minhas poupanças, e marco a data de entrega para o dia seguinte àquele em que pretendo aterrar em Lisboa.

Estou pronto para adormecer quando o telemóvel vibra.

heitor

Com que então vais-te embora?

Acho que sim...

eu

heitor

Podias pelo menos ter-me dito algo antes

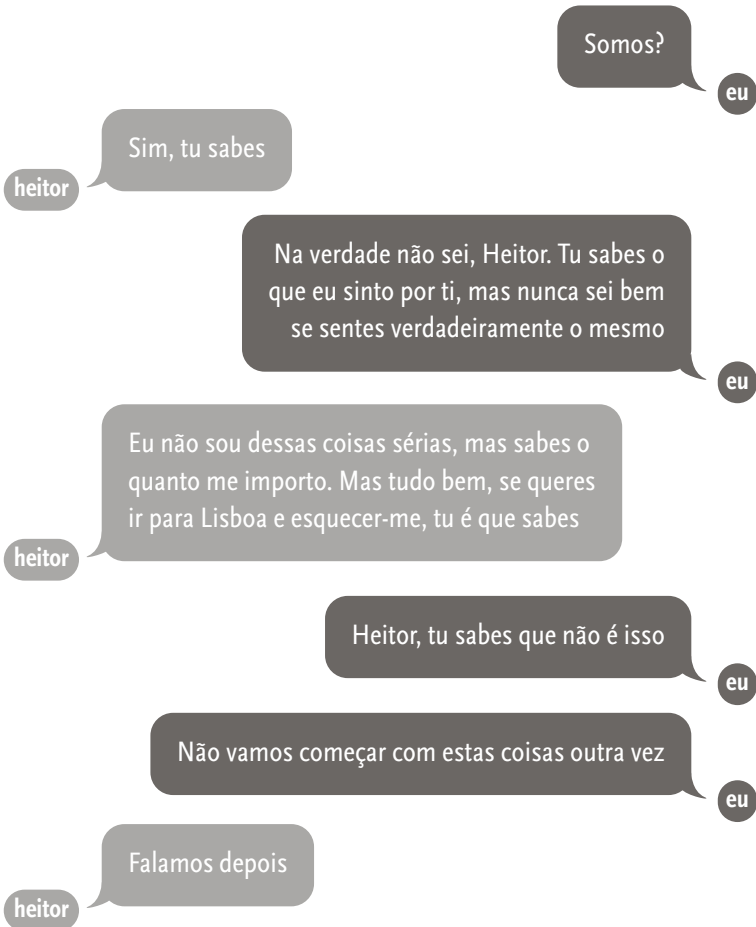
Desculpa, estava só empolgado com tudo e quis partilhar com todos

eu

heitor

Eu percebi, mas nós somos diferentes





Suspiro. Porque é que ele nunca é claro? Que frustrante... Andamos nisto há anos, mas se calhar ele tem razão, se calhar Lisboa pode ser uma boa oportunidade para o esquecer. Quem é que eu estou a tentar enganar, só essa ideia parece absurda.



Segundo Andar

A campainha toca novamente e assusta-me durante breves segundos. Desencosto-me da porta do closet e apresso o passo até ao outro lado do piso, onde fica o intercomunicador deste andar.

— Sim? — pergunto, carregando no botão para falar.

Um homem de chapéu e colete com refletores olha diretamente para mim através do ecrã.

— Tiago Gama?

— Sim, o próprio.

— Tenho uma encomenda grande para si.

— Vou abrir, então. — Pouso o intercomunicador e abro a porta do prédio.

Desço as escadas até ao piso de baixo, para poder abrir a porta do apartamento e esperar pelo estafeta com as minhas encomendas. Esta casa vai finalmente começar a ganhar vida. Claro que entre uma casa linda e decorada e o presente momento, estão dolorosas horas a seguir instruções de montagem de móveis pelo meio, mas acho que posso viver com isso.

Abro a porta e posto-me na zona onde devia estar um tapete de entrada. Ainda não vejo ninguém a subir, pelo que abro a porta para as escadas e me agarro ao corrimão, espreitando lá para baixo.



Vejo a silhueta do homem das entregas a sair e a entrar para colocar as caixas junto à porta do prédio. Encosto-me à ombreira da porta enquanto espero e brinco com a língua, emitindo um estalido. Bem, ele deve estar a construir uma casa com as caixas, só pode.

— Senhor Tiago? — A voz do homem chega-me lá de baixo, ecoando pelo prédio.

— Sim... — entoo, espreitando-o com a cabeça de lado.

— Não vem buscar as coisas?

— Desculpe? — A minha voz sai mais aguda do que gostaria.

— É a política da empresa. Só entregamos as coisas à porta do prédio, o resto fica a cargo do cliente.

Fico sem palavras, sem saber o que lhe responder e a pensar na quantidade de caixas e no peso que vou ter de trazer para cima, PELAS ESCADAS. Não sei como vou ser capaz de fazer isto sozinho. *Mas eu consigo, eu consigo! Pensa na experiência, Tiago!*

— Já está tudo descarregado. O resto de um bom dia para si — deseja-me o homem, batendo com a porta do prédio.

— Um bom dia... — digo, já tarde demais para ele me ter ouvido.

Começo a andar de um lado para o outro. O que é que vou fazer com tanta caixa? A solução normal seria ligar aos meus pais e pedir para chamarem alguém, mas não posso fazer isso, preciso de provar que eu consigo desenrascar-me sozinho ou eles nunca mais me vão largar.

Vou alternando o meu olhar entre a porta de casa aberta e a das escadas, e tomo uma decisão. Tenho de ir ver o número de caixas que estão lá em baixo e perceber como é que vou descalçar esta bota.

Tiro as chaves da fechadura e meto-as no bolso. Bato com a porta e invisto para os lanços de escadas. O meu coração bate aceleradamente por estar praticamente a correr, a minha respiração acompanha-o, e o suor molha-me a testa.

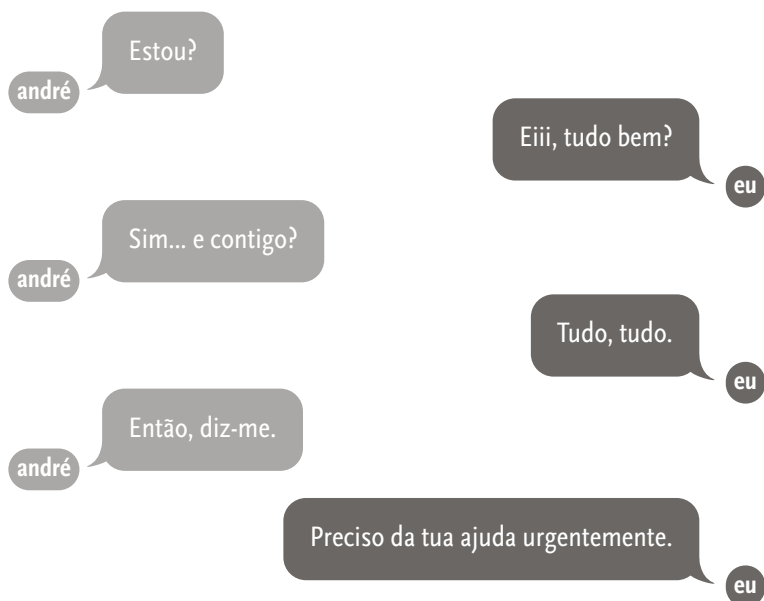


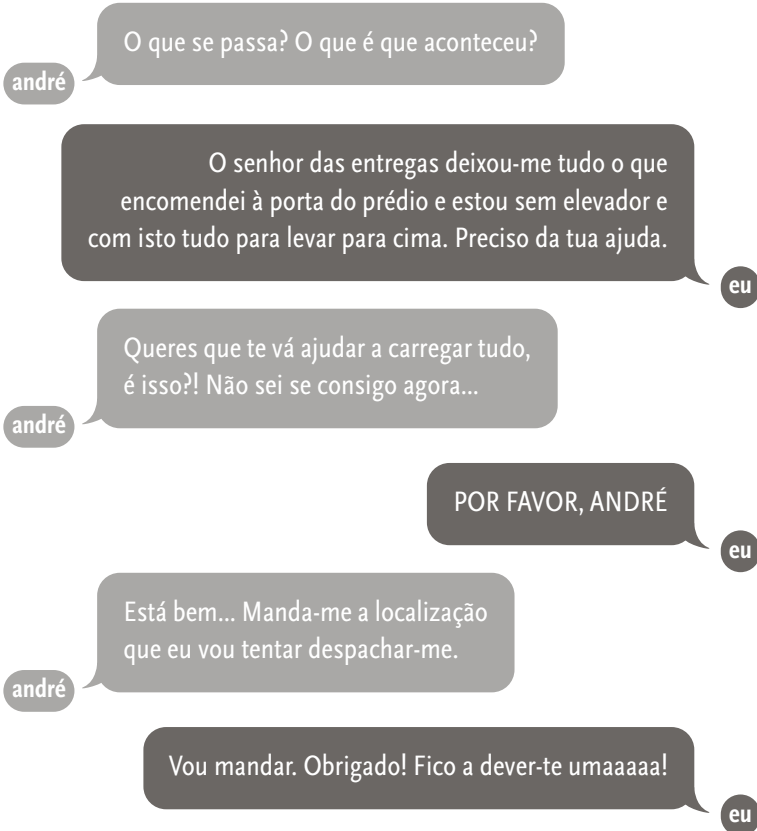
Se já estou assim só de descer, nem quero imaginar como ficarei quando tiver de subir tudo vezes sem fim com caixas de baixo do braço ou no topo da cabeça.

Começo a saltar os últimos degraus a partir do terceiro lanço para conseguir chegar mais depressa. A entrada está com caixas empilhadas em tudo quanto é sítio, as mais compridas encostadas à parede e as quadradas empilhadas umas em cima das outras, formando três colunas com pouco mais do que o meu tamanho.

Não vou conseguir fazer isto sozinho, preciso de ajuda. Tenho de recorrer ao único amigo que sei que está em Lisboa. Agarro no telemóvel e procuro o número do André nas chamadas recentes. Temos mantido o contacto durante o verão, mesmo depois de ele já ter deixado o Funchal. Não pensei que o facto de ele também se ter mudado para cá me fosse dar jeito em momentos como este, mas também já estou com saudades dele.

Ouçó três toques antes de ele atender.





Desligamos a chamada e mando-lhe imediatamente a localização pelo Whatsapp. Um par de mãos extra há de ser suficiente, penso eu. Sento-me no chão frio, encolho as pernas junto ao peito para poder pousar o queixo sobre elas e fixo o olhar na porta do prédio, ansiando a chegada do André.



Meia hora passa até eu o ver aparecer à porta do prédio. O seu corpo está ainda mais robusto e musculado, e a pele adquiriu um tom profundo de castanho, assim como o cabelo crespo. Está a



usar um dos fatos de treino que possuí, desta vez o preto, pelo que diria que vem vestido para a ocasião.

Quase me desequilibro quando me levanto. Tenho as pernas dormentes de me ter mantido na mesma posição durante muito tempo.

Carrego no botão e ele abre a porta, ficando parado por um momento, a avaliar o cenário de guerra à sua frente.

— Obrigado por vires em meu socorro — digo.

— Só tu para me chamares para isto.

— O desespero falou mais alto. — Coço a parte de trás da cabeça.

Ele olha em volta, analisando a quantidade de caixas que temos de levar para cima, e arranha a garganta enquanto se prepara para dizer algo.

— Meu deus, agora já percebo o teu desespero. — Ri-se de nervosismo. — Por onde começamos?

— Nem sei bem — suspiro. — Talvez por aquela torre ali. — Aponto para a pilha mais perto dele e da porta.

Ele assente e estica-se para agarrar na caixa do topo, de modo a que eu possa pegar na segunda a contar de cima.

Assim que tiro a caixa do sítio, sinto o seu peso a fazer pressão nas minhas mãos, como se a gravidade a ser exercida sobre ela estivesse a aumentar gradualmente a cada segundo que passa. Levamos as caixas para cima e voltamos a descer como se a nossa vida dependesse disso, ficando cansados a cada degrau que pisamos. O olhar do André vai dispersando pelo prédio e pelo pouco que vê da casa.

Ao fim de vinte caixas, o André pega numa das últimas e eu na outra. Quando me levanto, vejo a vizinha que não se quis apresentar a entrar pela porta, com os cabelos a voar ao vento. Veste um pulôver azul-marinho e calça botas altas.

Estaca assim que nos vê, batendo com o salto das botas no chão.

— Mas o que é isto tudo? — dispara num tom altivo.



Eu e o André entreolhamo-nos, mas muito brevemente, porque o foco dele no momento é a cor do pulôver da vizinha. Isso ou o peito dela, mas prefiro acreditar que é a primeira opção.

— Estamos apenas a carregar as últimas caixas até lá acima — esclareço, de cara trancada, tentando controlar o meu ranço.

— E quem és tu? Não me digas que também vens morar para cá — dirige-se ao André.

— Não, minha senhora. Estou apenas aqui para ajudar — responde ele, quase com uma continência a acompanhar.

Ela aproxima-se dele e, com o indicador, bate na caixa que o André carrega nas mãos.

— Mas o que é isto? Já não tinhas trazido tudo para cá? Já não estorvaste o suficiente, Santiago? — Olha para mim, enquanto continua a fazer peso na caixa.

— Nada disso, ainda agora comecei — brinco, numa tentativa de aliviar o ambiente. — E o meu nome é Tiago.

— É bom que não fique aqui nada a impedir a passagem. Não queremos repetir o incidente da mala, pois não?

— Não se preocupe — lança logo o André em resposta. — Eu estou aqui para garantir que isso não acontece.

— Nunca me atrevera a tal coisa. — Pouso a caixa e meto as mãos para cima, em rendição, e olho para o André, sabendo perfeitamente que se está a babar para cima dela.

De repente, numa tentativa de o André equilibrar a caixa apenas num dos braços, a mesma cede, abrindo-se por baixo.

O som que se segue é uma mistura do estrondo da caixa a cair, da madeira dentro da mesma a estalar e do grito da vizinha quando uma parte da cómoda salta e lhe cai em cima do pé. E nós, sem reação, ficamos simplesmente a observar tudo em câmara lenta. Já fomos. Estamos feitos.

— Desculpe, desculpe — diz o André, em pânico. — Precisa de ajuda?



Eu bem sei que ajuda é que ele lhe quer dar.

— Eu podia processar-vos por isto! — grita a vizinha, enquanto saltita agarrada à ponta da bota. — É bom que parem de trazer o caos para este prédio, ou VAMOS TER PROBLEMAS.

— Não, não era nossa intenção — justifico-me, sem saber bem o que dizer. — Podemos fazer alguma coisa para a compensar?

Não quero que fique a odiar-me.

— Hum... Por acaso até podem. — Muda de expressão, esboçando um sorriso interesseiro.

Eu não estava a falar a sério, estava só a ser cortês. Será que ela vai mesmo pedir alguma coisa? Esta mulher tem uma lata inacreditável...

— Daqui a uma semana vou de férias, e ainda não tinha encontrado um lugar para deixar a minha gata — começa a explicar. — Parece que afinal de contas encontrei a pessoa perfeita para essa função. Espero que gostem de gatos, a Miss Miau Miau não morde quem a trata bem.

— Mas... — começo.

— Ótimo, fica assim combinado, então. Eu depois deixo-a em tua casa quando estiver de saída.

Calma. *Miss Miau Miau*?

— Mas eu não tenho mesmo jeito com gatos — confesso, preocupado.

— É isso ou terei de falar com o senhorio...

Deixo o meu corpo descair para a frente em desistência. A última coisa que quero é que o meu pai receba queixas...

— Eu fico com a sua gata — concluo.

— Perfeito — diz, como se tivesse ganhado uma nova vida e se sentisse revigorada.

A mulher passa por nós a desfilas e sobe as escadas com elegância, sem se notar os danos no seu pé. O sorriso dela é a prova de como viu uma oportunidade para conseguir o que queria



e a usou sem dó nem piedade. No fundo, somos apenas uma peça no seu jogo, e a queda da caixa representou o início da sua jogada. Fomos completamente enganados e usados.

Olhamos um para o outro estupefactos, com o eco dos saltos dela a subir as escadas até ao quinto andar a servir de pano de fundo. Voltamos ao trabalho e pegamos em tudo o que caiu. Dói-me o corpo todo.

— Não aguento mais, estou a repensar se devia voltar para o Funchal... — atiro da boca para fora, pegando em mais uma caixa.

O André encara-me com o rosto sério.

— Nem brincques, já viste a vida que tens?

— Calma, André, estava só a reclamar para o ar, não era a sério.

O ambiente fica mais pesado e ele não responde, continuando o caminho pelas escadas. Entramos por fim com as últimas caixas no apartamento e damos a nossa missão por concluída.

Estico as costas com as mãos na lombar, estalando-as.

— Estava a ver que nunca mais — suspiro. — Obrigado por toda a ajuda.

— Não tens de agradecer, não custou nada — diz o André, completamente exausto, sentado no chão ao lado do monte de caixas que descansam no meio da sala de estar.

Sento-me ao lado dele a observar as pirâmides de cartão. Nem acredito que já posso começar a montar tudo.

— É verdade! Esta noite vai haver uma festa de boas-vindas na minha universidade. Não queres vir?

— Hoje? — pergunta, arrastando a voz.

— Sim, vai ser divertido! Vamos curtir só os dois, já não o fazemos há imenso tempo.

— Porque será? — insinua.

— Ele agora não está cá, por isso tens-me só para ti.



— Tudo bem — cede o André. — Mas vais ter de me emprestar uma roupa melhor, que eu não vou de fato de treino para a festa da tua universidade.

— Justo. — Sorrio, encaminhando-nos para o quarto.

Tiro uma das minhas camisas do roupeiro e visto-a, juntando um par de calças claras ao outfit logo a seguir. A combinação funciona bem, pelo menos é a sensação que tenho quando me olho ao espelho da casa de banho. Opto por calçar uns Dr. Martens pretos com meias brancas para manter o look casual, mas chique. Ponho o meu colar favorito e um par de anéis em cada mão; o toque final são algumas borrifadelas de perfume e estou pronto para sair quando ouço o som de uma notificação.

Nunca mais disseste nada, ao menos podias ter avisado que tinhas chegado bem ao apartamento. Espero que a casa seja como tinhas pensado, apesar de não nos teres deixado decorá-la.

mãe

Dou like na mensagem e fecho a conversa.



Uma comédia romântica queer sobre a crise na habitação, com elementos de slice of life, um meet cute adorável e um grupo de amigos que jamais te irá abandonar (literalmente).

